



XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB)

GT 10 – Informação e Memória

DORIVAL CAYMMI: VIDA, OBRA, PENSAMENTO E ACERVO EM UMA TEMPORALIDADE DO VERDE E AMARELO.

DORIVAL CAYMMI: LIFE, WORK, AND THOUGHTS COLLECTION ON A GREEN AND YELLOW TEMPORALITY

Vagna Shirlei Felício Santana¹, Zeny Duarte de Miranda²

Modalidade da apresentação: Comunicação Oral

Resumo: Apresentar-se-á o arquivo de Dorival Caymmi, fonte de informação e pesquisa com possibilidade, não só de compreender uma sociedade através de documentos pessoais, com elementos próprios, como também a construção da trajetória sociocultural e artística do titular do arquivo em estudo. O presente trabalho versa sobre a organização e representação da informação e do conhecimento, com foco nos arquivos digitais do Instituto Antonio Carlos Jobim, tendo a finalidade de analisar a documentação pessoal de Dorival Caymmi, a partir de reflexão teórica da arquivologia moderna, no contexto das tecnologias da informação e comunicação. Esta pesquisa analisa a plataforma digital, o DSpace, com sinalização referente a necessidade da participação do arquivista no processo de organização e descrição de documentos nela depositados. O mencionado *software* serve a uma necessidade específica, como sistema de arquivos digitais, no armazenamento de longo prazo, acesso e preservação de conteúdo dos itens documentais. A análise do arquivo do compositor-poeta, Dorival Caymmi, artista e imortal, permitiu tomar conhecimento de seu rico valor biográfico, reafirmando-o como um legado à cultura baiana e brasileira, neste ato. O trabalho aqui desenvolvido, tratar-se-á de uma revisão teórico-conceitual sobre arquivos pessoais, no âmbito de estudos relacionados ao tratamento dos documentos produzidos e acumulados por pessoa física.

Palavras-chave: Arquivo privado. Memória. Arquivo pessoal. Dorival Caymmi. Arquivologia.

Abstract: *It will be presented the Dorival Caymmi's archives, a source of information and research*

¹ Universidade Federal Bahia.

² Professora Titular da Universidade Federal da Bahia (Ufba). Pós-doutora, Universidade do Porto, com bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia - FCT, do Ministério da Ciência e Tecnologia e Ensino Superior de Portugal. Doutora em letras, Ufba.

with the possibility not only to understand a society through personal documents, with its own elements, as well as the construction of socio-cultural and artistic trajectory of the owner of the archives under study. This work deals with the organization and representation of information and knowledge, focusing on the digital archives of the Institute Antonio Carlos Jobim, with the purpose of analyzing the personal documentation of Dorival Caymmi, from theoretical reflection of modern archival science in the context of information and communication technologies. This research analyzes the digital platform, DSpace, with signage regarding the need for participation of the archivist in the process of organization and description of documents there deposited. The mentioned software serves a specific need, such as digital file system, in the long-term storage, access and preservation of documental content items. The analysis of the composer-poet archives, Dorival Caymmi, artist and immortal, allowed aware of its rich biographical value, reaffirming it as a legacy to the Bahian and Brazilian culture. The work developed here will treat a theoretical and conceptual review of personnel archives, in studies related to the processing of documents produced and accumulated by an individual.

Keywords: Private archives. Memory. Personal archive. Dorival Caymmi. Archivology.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo pretende sinalizar questionamentos para os critérios utilizados na organização e disseminação do arquivo pessoal de Dorival Caymmi³ (DCyi), encontrando eco nos estudos teóricos sobre arquivo pessoal, tendo como foco central investigar os critérios utilizados para organização e disseminação do citado arquivo, com o propósito de analisar o tratamento arquivístico que esse arquivo pessoal recebeu e os aspectos mais relevantes de sua organização.

Interessa neste trabalho, o arquivo pessoal possuidor de uma série de características particulares, constituído por documentação sobre a vida, obra, pensamento, traçando apenas uma visão possível e capaz de permitir uma contextualização necessária à interpretação da documentação do conjunto documental do titular.

Diante deste entendimento, buscamos, realizar a escavação⁴ no arquivo pessoal de DCyi, este singular baiano que nos deixou transparecer sua temporalidade, por meio de documentos por ele acumulados, levando-nos a entender o círculo de relação construído em sua vida, junto aos familiares e amigos, sua memória se apoia na sua história de vida, proporcionando um reflexo de tudo que produziu ao longo de sua existência.

A leitura do círculo construído a partir de sua vivência pessoal sugere a evolução de seu pensamento, nos indica que seu ciclo vital está associado à presença constante de seus contemporâneos, principalmente daqueles que estão vivos em seus arquivos. Duarte (2005, p.77) diz que “essa é uma faceta singular e específica em todas as etapas de sua vida e obra.”.

³ A partir daqui, usa-se essa abreviatura.

⁴ Atividade de diagnóstico, utilizada por Foucault.

Portanto o plural DCyi, homem do mar que não sabia nadar, mas isso não o impedia de mergulhar, fazia poesias à beira mar, e escrevia na areia seus versos, carregava um charme inteiramente baiano, ministro do Xangô (o mais alto posto civil do terreiro), amante de Iemanjá e devoto do Senhor do Bonfim, utilizava perfeitamente as palavras, conforme ilustra Arthur Nestrovski (2014) em seu depoimento para o programa Mosaico da TV cultura.

[...] em uma frase simples e direta como por exemplo, na canção saudade de Itapuã: Coqueiro de Itapuã, coqueiro. Areia de Itapuã, areia. Parece que nada está sendo dito não tem verbo, não acontece nada, são simplesmente as coisas sendo enumeradas uma depois da outra, mais a relação destas palavras quando são dita com a melodia e com a harmonia transforma isso na forma mais alta de poesia cantada que a gente pode imaginar. (DEPOIMENTO DE NESTROVSKI, 2014)

Destarte, por meio dos documentos produzidos e acumulados por DCyi, ao longo de sua vida, é possível retratar os sinais da musicalidade e das diversas faces de um dos mais conhecidos compositor-poeta da Bahia, no Brasil e alhures.

Respaldados na obra do compositor-poeta, evidenciamos suas contribuições sociocultural e artística, dignificando sempre o universo da Bahia de Todos os Santos, além do samba-canção e seus três filhos, nos presenteia com um arcabouço de letras e canções, argumentadas numa leitura da realidade e de transformação social, postura que utiliza na música e na vivência, contribuindo para as transformações de sua vida.

Alguns amigos o definem como homem simples. Sobre o perfil do pesquisador Severiano (2014), usa três palavras: absoluta tranquilidade e simplicidade e Antonio Risério (2011), acrescenta outras definições ao compositor,

Um mulato ensolarado, em vista de coqueiros e gaiivotas, poetizando quase sempre do ponto de vista da praia, quase nunca da proa. Um cantor dos prazeres da comida”, do corpo feminino e da natureza litorânea. O poeta do remelexo. E que não se descola do chão, nem busca ser transcendental. É o cantor das aparências, da experiência imediata, numa poesia a olho nu.

Tom Jobim em depoimento nos 70 anos de Caymmi, faixa nove, disco um, declara que seu amigo é um gênio, Jorge Amado o tem como irmão e declara sua admiração por DCyi no: Especial II- Jorge Amado fala sobre o cantor, gravado pela Rede Globo de Televisão,

O homem do povo pobre da Bahia, que nos enriqueceu imensamente, nos tornou maiores, e nos deu uma dignidade ainda maior, que acrescentou algo a essa civilização baiana, duramente batida no tempo, por homens que vieram da Europa que vieram da África, nos navios de escravos, os homens que aqui se encontraram e que se deram as mãos e que se misturaram para produzir uma nação da Bahia, da qual Dorival Caymmi, meu irmão meu

irmãozinho, é o grande poeta, o grande cantor, o grande interprete, ele é a própria Bahia. (MEMÓRIA GLOBO, 1979)⁵.

Sendo assim, vamos falar no cenário sociocultural e artístico de DCyi e da Bahia, conforme dizia Jorge Amado, em suas falas, “Caymmi é a Bahia”.

Caymmi é solar. Dá motivo para os versos e embala o ritmo das melodias. A natureza praieira do Rio é relativamente recente. Na Cidade da Bahia, ela se perde no tempo. Quando a bossa viu passar a garota de Ipanema, Salvador já seguia há séculos o balanço das moças a caminho do mar. A própria relação de Dcyi com a Bossa Nova é mais importante do que se imagina.

2 DESENVOLVIMENTO DO TEXTO, FIGURAS E TABELAS

2.1 FUNDAÇÕES GETULIO VÁRGAS (FGV) E CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)

O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) é considerado um dos pioneiros na definição de uma metodologia para tratamento de arquivos pessoais, doados à instituição desde 1973. Com a formulação e implementação de uma base de dados Accessus⁶, o CPDOC possibilitou o acesso mais rápido às informações contidas em seu acervo.

O CPDOC é a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e tem o objetivo de abrigar conjuntos documentais relevantes para a história recente do país, desenvolver pesquisas em sua área de atuação e promover cursos de graduação e pós-graduação. Os conjuntos documentais doados ao CPDOC, que podem ser conhecidos seu próprio Guia dos Arquivos⁷.

⁵Dorival Caymmi Especial II: Jorge Amado fala sobre o cantor. Este texto foi retirado da URL, disponível em: <http://globoTV.globo.com/rede-globo/memoria-globo/v/dorival-caymmi-especial-ii-jorge-amado-fala-sobre-o-cantor/3306067/>

⁶ Accessus é uma base de dados constituída com o objetivo de propiciar um acesso mais rápido e eficiente às informações existentes no acervo documental do CPDOC. Composto de manuscritos, impressos, fotos, discos, filmes e fitas, esse acervo está estimado em um milhão e trezentos mil documentos, dos quais cerca de um milhão encontram-se referenciados na base Accessus.

⁷ O Guia dos Arquivos tem como finalidade fornecer aos usuários do CPDOC uma visão geral sobre cada um dos arquivos que integram o seu acervo.

Os conjuntos documentais constituem, atualmente, o mais importante acervo de arquivos pessoais de homens públicos do país integrados por aproximadamente 200 fundos, totalizando cerca de 1,8 milhão de documentos.

Referente a conjuntos documentais, Castro (2008, p.29) afirma que a constituição do conjunto de documentos, que compõe um arquivo, implica diversos processos seletivos. Portanto, o que sobra desses processos seria caracterizado como o que importa guardar. Então, um registro só passa a ser documento histórico após serem incorporados ao arquivo, quando é associado a determinadas concepções de valor, memória e passado. Esse pensamento se respalda em Jacques Le Goff, (1990, p.547) que, analisando a relação entre documento e monumento, afirma:

[...] o documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento [...] que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias.

Entretanto, o perfil do arquivo do espaço memória é o reflexo daquilo que foi selecionado a partir dos documentos reunidos no momento de sua constituição, no qual se decidiu o que poderia ser descartado e o que tinha valor permanente.

A organização desses arquivos no CPDOC e sua abertura à consulta pública, hoje totalmente informatizada por meio do sistema Accessus franquia, o acesso mais rápido às informações contidas em seu acervo. Todo documento que é enviado ao arquivo passa por um registro de entrada e, em seguida, por uma triagem. Sendo considerado apto a ser incorporado ao acervo, ele é catalogado, recebendo um código e uma numeração, que são inseridos no banco de dados, e, finalmente, o documento é agregado ao arquivo.

O portal do CPDOC⁸ está estruturado em várias páginas estáticas e bases de dados, disponível para consulta, portanto atentamos aqui apenas para o entendimento do arquivo *on-line*,

Sabendo que o crescimento em pesquisas sobre arquivo pessoal nas áreas de história da vida privada e história do cotidiano, assim como o interesse crescente pelas análises de tipo biográfico e pelas edições de correspondência escolhida, têm aumentado, a procura por esse

⁸ O conteúdo de caráter histórico documental pode ser localizado através do menu superior, no item ACERVO. Há três fontes de consulta disponíveis: documentos de Arquivos Pessoais (Accessus), entrevistas de História Oral e verbetes do Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. Elas podem ser acessadas a partir de um único endereço: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca>

tipo de fonte chama atenção para a importância de sua preservação, organização e abertura à consulta pública. Reiterando, consta no sítio do CPDOC, referente a arquivo pessoal:

em virtude de conterem informações fundamentais para a recuperação da memória ou para o desenvolvimento da pesquisa histórica, científica ou tecnológica do país, alguns arquivos pessoais podem ser classificados como "de interesse público e social", por meio de dispositivo legal. Nesses casos, a lei determina que sejam preservados e colocados à disposição dos pesquisadores. Por se tratarem de documentos de natureza privada, os arquivos pessoais reúnem muitas vezes informações cujo acesso pode comprometer a intimidade do seu titular ou de terceiros. O Brasil hoje já dispõe de um corpo de leis regulamentando várias questões na área de arquivos, entre elas, o acesso a informações de natureza privada. Além da lei 8.159, de 1991, conhecida como Lei de Arquivos, que possui um capítulo dedicado aos arquivos privados, o decreto 2.942, de 1999, e a Resolução nº 12, do Conselho Nacional de Arquivos - CONARQ estão voltados para o tema.

Por essas e outras riquezas, é inegável o fascínio que os arquivos pessoais, enquanto fontes de pesquisa exercem sobre o pesquisador, com possibilidades de descobertas infinitas quando nos encontramos perante o imenso mundo desses arquivos, os olhares e as interpretações se multiplicam simultaneamente como espaço de memória.

Neste caso, um ponto relevante para o CPDOC são as relações que se estabelecem entre pesquisa, pesquisa histórica, arquivo e discussão sobre memória, no que se refere à ideia de indivíduo e coletivo, ou melhor, entre indivíduo e sociedade,

Percebemos ao visitar o CPDOC que os arquivos pessoais são, de certa forma, um ato de recordar, ou melhor, são as recordações do passado que sobreviveram à seleção da memória, à destruição do tempo e às escolhas dos indivíduos.

Segundo Halbwachs (2006), a memória é individual. No entanto, necessita do outro para tornar-se real, não basta reconstruir pedaço a pedaço, a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança, as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que designam o inesquecível e os lugares onde essa memória será preservada, ainda de acordo com o mesmo autor "recordações são essencialmente memórias de grupo e que a memória individual só existe na medida em que esse indivíduo é um produto de um grupo". Vale lembrar que não discorremos nesta pesquisa o aprofundamento da memória biográfica, apenas valorizamos o ato imprescindível de recordar, por meio dos arquivos e, discorremos sobre passagens marcantes da biografia deste insigne da música e da cultura da Bahia e Brasil.

Destacamos que durante o processo de investigação os registros em forma de anotações foram de suma importância, auxiliaram na construção deste trabalho colaborando para o entendimento do processo da escrita, por entender não ser fácil mergulhar num

arquivo, é que foi realizada a visita no CPDOC, uma aventura prévia de descoberta de novos horizontes, baseados, na verdade, em antigos recortes temporais, um tipo de apropriação pertinente ao pesquisador, com essa perspectiva podemos perceber a dimensão e importância para a sociedade, de um arquivo pessoal organizado.

2,2 DORIVAL CAYMMI: DESVENDANDO O TRAÇADO AUTOBIOGRÁFICO ATRAVÉS DO ARQUIVO PESSOAL

Os arquivos pessoais traduzem muito da ação de seu titular, conforme seus interesses. Procuramos refletir, apresentando a linha do tempo de DCyi, o ressurgimento do indivíduo e sua história, arquivos pessoais e como conquistou seu lugar específico e essencial, agregando assim um significativo valor cultural e consequentemente documental.

DCyi nasceu em 30 de abril do ano de 1914, na cidade de Salvador, em uma rua que hoje traz o nome do poeta, jornalista, advogado, defensor dos oprimidos, pobre por opção, o patrono da cadeira nº 15 da Academia Paulista de Letras, Luiz Gama. Veio ao mundo pela parteira da família, Dona Quinquinha, que já havia aparado⁹ seu pai e seu irmão mais velho, Deraldo. Dorival, batizado na Igreja de Santana, era o quarto filho da família do casal Durval Caymmi e Aurelina Cândida Soares, conhecida como Dona Sinhá. Stella Caymmi (2014, p.34:35).

Foi durante sua infância que iniciou o gosto pelo mar e pela música. Aos dez anos de idade, expressou sozinho talento para a pintura e seu gosto pelas janelas, de onde observava a belezas do mar, seu cenário preferido. Costumava pegar escondido o violão de seu pai, aos onze anos, com o objetivo de imitar os cantores que ouvia no rádio e aprendeu as primeiras notas com o tio materno, Cici. Stella (STELLA CAYMMI, 2014, p.57).

Em 1938, próximo de completar 24 anos, desembarcou no Rio de Janeiro, foi ajudado por seu primo José Brito Pitanga.

Seu primeiro sucesso como compositor ocorreu em 1939, na oportunidade da gravação do filme Banana da Terra, que tinha a participação especial da atriz e cantora Carmen Miranda.

A década de 40 foi marcada como especial para sua carreira musical de DCyi. Época em que o Rio de Janeiro passava por várias mudanças, muitas delas provocadas pela vulnerabilidade internacional que a segunda guerra gerava, Carmen Miranda brilhava nos Estados Unidos e o compositor baiano colhia os frutos do seu primeiro sucesso e se entrosava

⁹Lingüajar de Quem Traz a Vida. Segurar aquilo que está caindo,

com a elite intelectual carioca, composta por jornalistas, escritores, músicos, artistas e políticos.

Logo no início da década conheceu um grande amigo e irmão, Jorge Amado, juntos conviviam personalidades como Carlos Lacerda, Ziloca, Samuel e Bluma Wainer, Noel Nuts, Moacyr Werneck de Castro, e outros. Grupo de amigos que, durante um almoço providenciado por Jorge Amado, apresentou a sua noiva Stella Maris.

Os anos 40 foram para DCyi uma surpresa bonita, descobriu um mundo novo, como ele mesmo confirma num documentário apresentado na TV cultura (2014)¹⁰ “meu mundo era assim uma rua que desembocava na casa Nice na avenida Rio Branco, Café Nice, cheio de artistas de sucesso: o Lamartine Barros, o Ari Barroso, o Francisco Alves o Silvio Caldas” (DORIVAL CAYMMI, 1972)

Seu sucesso absoluto ocorreu em 1944, quando estrelaria o espetáculo Jangadeiros no renomado grill-room do Copacabana Cassino Teatro, do famoso hotel Copacabana Palace. O show, organizado especialmente para aquela temporada, contou com grandes nomes da música brasileira do período como o maestro Radamés Gnattali, a cantora Carmen Costa e o cantor Nelson Gonçalves.

No início da década de 50, adaptado ao novo cenário criado com a mudança do circuito artístico-musical carioca da Lapa e regiões centrais da cidade para a zona sul, onde estavam sendo inauguradas as novas boates e casas noturnas, menores e mais aconchegantes do que os antigos cassinos, DCyi não foi intimidado encheu as boates Acapulco e Fleir com seu violão e sua voz inconfundível.

O ano 1953 reservou grandes surpresas para Dcyi, se apresentou para o presidente Getúlio Vargas, que reverenciou com entusiasmo suas composições, foi homenageado na sua terra natal, Salvador, quando foi inaugurada a Praça Dorival Caymmi, em Itapuã, com grandes celebridades, artistas e políticos ilustres da Bahia e do restante do Brasil.

O ano de 1958 marcou o surgimento da Bossa Nova, com o lançamento de “Chega de Saudade”, disco de João Gilberto com arranjos de Tom Jobim e que contava com a canção Rosa Morena, de DCyi. O compositor-poeta foi indicado como uma das grandes influências do movimento que rompia com as canções que faziam sucesso no rádio até então.

¹⁰ Publicado em 23 de abril de 2014 o documentário musical revê a trajetória do compositor a partir de diversas imagens do acervo da TV Cultura, com o cantor em apresentações nos programas Especial TV Tupi 1979, MPB Especial 1972, Heineken Concerts 1996, entre muitos outros. O programa trouxe apresentações inéditas de Lado da Lua, Céu, Aloísio Menezes interpretando sucessos do cantor dentro dos estúdios da emissora. Este texto foi retirado da URL, disponível em: <http://tvcultura.cmais.com.br/dorivalcaymmi/videos/mosaicos-a-arte-de-dorival-caymmi>

Com o surgimento do novo estilo, a geração de DCyi perdeu progressivamente espaço na televisão e no rádio, embora DCyi tenha sido um dos músicos que menos sentiu os efeitos da ruptura.

Veio a década de 60 que iniciou lucrativa para DCyi, com a gravação de dois LPs: Caymmi e Seu Violão e Eu Não Tenho Onde Morar, ambos lançados pela Odeon. O segundo LP marcou a estreia de sua filha, Nana Caymmi, que gravou Acalanto acompanhada pelo pai (CARVALHO, 2010, p. 1).

A década de 70 foi de vários sucessos e homenagens para o cantor-compositor. Em 1975 um novo sucesso, a música Modinha de Gabriela, gravada na voz de Gal Costa. Na década de 80 o compositor baiano realizou viagens ao exterior, em Angola, apresentou-se ao lado de outros músicos brasileiros como Chico Buarque, Clara Nunes e Conjunto Nosso Samba, e para a Martinica, onde realizou apresentação individual. Em 1984, ano de comemoração de 70 anos de Dorival, foram realizados inúmeros shows e homenagens. Em Salvador e na Bahia, além dos shows do Festival Caymmi, o compositor-poeta recebeu o honroso título de Doutor Honoris Causa pela Universidade da Bahia, na capital fluminense, o título de Cidadão Honorário (STELLA CAYMMI, 2014, p.351).

Ainda no Rio de Janeiro foi realizada uma nova exposição de suas pinturas, desta vez na Galeria da Funarte. Em São Paulo, um show, organizado pela Funarte, reuniu os filhos do casal Caymmi: Dori, Danilo e Nana, em homenagem ao pai. No exterior, o músico foi comemorado na França, quando participou do Festival de Nice e foi condecorado no Palais Royal pelo ministro da Cultura da França.

A década de 90 trouxe para Caymmi a tranquilidade de um aposentado, se revezava entre suas residências no Rio de Janeiro, Rio das Ostras (RJ) ou em Piqueri (MG), sempre se dedicando à pintura e leituras diversas. Acreditava que ainda não era tempo de deixar de se apresentar. Nos shows, era quase sempre acompanhado pelos filhos Nana e Danilo, de vez em quando por Dori, que morava nos EUA.

A apresentação no Festival de Montreux em 1991 foi um sucesso, assim como o lançamento do *Songbook* de Dorival Caymmi em 1993. Os oitenta anos do compositor foram comemorados com diversos shows e homenagens em 1994. As celebrações da exitosa carreira do músico baiano se estenderam anos dois mil adentro. Em 2006 DCyi recebeu o Prêmio Nacional Jorge Amado de Literatura e Arte.

O compositor-poeta faleceu no dia 16 de agosto de 2008, no Rio de Janeiro, aos 94 anos.

Genuinamente plausível existe no Leblon uma rua com o nome do músico, que foi o baiano mais carioca que o Brasil já viu (FREIRE, 2008, p.1).

O estradar apresentado em sua trajetória, representa um homem possuidor de arte nas artérias, as obras caymmianas refletem o cotidiano, nos direcionando o compreendermos o caminho percorrido por DCyi, bem como as suas ideologias e atitudes.

Através da história de vida expressa e documentada, temos a possibilidade de compreender os significados atrelados a suas memórias.

Não trabalharemos, aqui, com o conceito de memória, porém, é importante assinalar que, este discurso sobre arquivos envolvendo, inclusive, a noção de memória como dado flexível privilegiada na arquivologia é abordado em outras esferas, sobre esse contexto Miranda Netto (1982, p. 378) reflete,

Mas não é apenas nas células do ADN que existem arquivos. Também o sistema nervoso do homem é um arquivo. A pitoresca locução ‘fulano é um arquivo’ tem, pois, sua contrapartida em nosso organismo. A memória humana está organizada em fichas e pastas que são os neurônios, onde se grava tudo o que acontece na vida, o despertar da consciência. Dizem os dicionários que ‘memória’ é a faculdade de reter, conservar e readquirir ideias, impressões, imagens e conhecimentos obtidos anteriormente. Exatamente como no arquivo. Em alguns indivíduos, a recuperação se faz facilmente, são as chamadas memórias de elefante ou de anjo, em outros a recuperação se faz lenta ou imperfeitamente, são as memórias de galo. Mas sempre haverá o arquivo completo de toda a vida, utilizável ou não segundo a qualidade da memória.

O corpo como metáfora da memória mostra-se ainda ilustrativo daquilo que alguns a reconhecem no âmbito da qual os arquivos estariam localizados.

Quando se fala em memória, num sentido figurado, quando se empresta a idéia de memória a um fato qualquer, em geral há uma tendência a se tomar isso como ‘juntar’ ou ‘guardar’ alguma coisa, ‘reter’. E isso me parece insatisfatório, eu prefiro o conceito biológico de memória: guardar, reter, para em seguida mobilizar e devolver”. (MAGALHÃES, 1985, p.67).

Dessa forma, Le Goff (1984) sugere algumas proposições a respeito da memória: sua crucialidade, expressa em noções que se remetem mutuamente: tempo e espaço, suporte e sentido, memória individual e coletiva, tradição e projeto, acaso e intenção, esquecimento e lembrança.

Pensando sobre memória que permeia arquivos pessoais, assim, não seria o bastante ligar ao sujeito, mas sobretudo ao sujeito, para Nora (1993, p.15), a memória verdadeira, transformada por sua passagem em história, dá lugar a uma memória arquivística, isto é, à criação Célere e grandiosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar. A memória de DCyi, compreende uma reflexão sobre o homem culto e capaz da mais difícil das

artes misturando leveza e sofisticação. Com nitidez, o algoritmo descrito em suas canções é composto exatamente deste aparente paradoxo, conforme mais simples mais princípios elementares eram agregados, portanto nascia a mais verdadeira manifestação de criatividade. Não há nada mais simples que a perfeição.

Acreditamos que sua ligação com a Bahia e o mar talvez seja a mais expressiva marca de sua vida, não sabemos se temos a competência em preservar as belezas musicadas por DCyi. A Bahia está viva, sabemos, o que nos deixa dúvidas é se o mar quando quebra na praia ainda é bonito de ver. DCyi, como se vê, não é referência do que passou, mas do que nos cabe fazer para continuar a merecer suas canções.

2.3 INCURSÃO AO APARTAMENTO-MUSEU

A incursão ao arquivo pessoal de DCyi, seguimos com o intuito de escavar, descortinar, com objetivo de verificar os documentos que o compõe, que representam os vestígios de sua vida, guardados em sua residência, desvelando sua intimidade.

O acesso ao arquivo pessoal foi garantido pelo seu filho Dori Caymmi, ao pisar no apartamento localizado na Avenida Copacabana número1098, fomos invadidas por uma energia singular, passamos a perceber aquele lugar enquanto espaço confessional, vivo, capaz de revelar informações que nos remete ao passado, ao tempo em que nos permite reconstruir a trajetória de DCyi.

No primeiro instante procuramos compreender a lógica do acervo disponível naquele espaço, composto por móveis, pinturas, partituras, documentos iconográficos, textuais e biográficos.

Observamos todo o acervo num contexto de apartamento-museu, aderimos aqui a essa terminologia por se tratar de um ambiente onde há transmissão de conhecimento e valorização do conjunto documental e de informações essenciais que possuem o local onde viveu o compositor-poeta. Vale ressaltar que estamos adaptando um conceito existente em Portugal, o de casa-museu¹¹ tão bem apresentado por Ponte (2007, p. 23).

Em Portugal, considera-se a casa histórica como uma estrutura relacionada com alguma figura pública de relevância nacional, regional ou local, ou com algum acontecimento da história do país ou de um determinado local, sem que, contudo, tenha implícito o trabalho e a função museológica. Não tem inclusivamente de estar aberta ao público. A casa histórica pode evoluir no sentido da casa-museu, pois que ainda não o é. Recentemente, foi possível verificar esta situação, quando se levantou a questão da demolição da casa de

¹¹ Termo comumente utilizado em Portugal; apartamento-museu, com base no conhecimento acerca de conceito de casa-museu, adaptamos a este trabalho; alguns exemplos de casa-museu em PT: casa-museu Miguel Torga; casa-museu Abel Salazar; casa-museu José Régio.

Almeida Garrett, em Lisboa. Este imóvel tem interesse histórico, uma vez que esteve, de facto, relacionado com uma das maiores figuras da literatura portuguesa, não sendo, contudo, uma casa-museu, uma vez que nele não se cumprem os requisitos para tal.

António Ponte, ainda descreve com maior clareza as diferenças entre casa-museu e casa histórica, onde afirma que as casas históricas só devem ser consideradas como casas-museu se práticas museológicas forem praticadas no seu interior, e não apenas por constituírem exemplos históricos de residências. Afonso e Serres (2014, p.3) em um de seus artigos esclarecem que:

Casas Históricas, Casas-Museus, ou Museus-Casas como são amplamente conhecidas no Brasil, desvelando aspectos da sua gênese e singularidades enquanto instituição de guarda e locais de memória. Este gênero museal começou a ser amplamente difundido desde o ano de 1998, com a criação de um comitê Conselho Internacional de Museus, o DEMHIST - Comitê Internacional para os Museus de Casas Históricas. O DEMHIST é responsável por auxiliar na institucionalização e gestão desta categoria de museu, a qual abriga registros de uma memória social sempre representada por um (a) personagem de destaque para uma comunidade, independente da sua condição social.

Não cabe aqui discutir tal conceito. Apenas a partir desta perspectiva a casa, neste caso o apartamento, não é mais apenas um objeto arquitetônico, nem um objeto cultural. O apartamento se “transforma em continente de um conteúdo, em suporte de um significado maior” (HORTA, 1997).

A particularidade simbólica do espaço de um apartamento-museu estimula o visitante a investigar os objetos expostos, de uso íntimo, de uma determinada personalidade, referências que remetam às suas próprias lembranças.

O apartamento-museu possui aspectos que são peculiares da sua vivência. Assim, percebemos que as nossas memórias não são próprias diante desta vivência, mas são, no momento da visita, incorporadas às lembranças do titular.

[...] quando se entra numa casa-museu, para além dos sistemas de vida doméstica, observando os objectos na sua forma original ou próxima dela, penetra-se diretamente na intimidade de alguém, uma pessoa muitas vezes introvertida e que nunca pensou neste espaço para ser fruído por estranhos. [...] A memória pessoal, reflectida no espaço privado, transforma-se em memória colectiva, o espaço pessoal trona-se espaço público, procurado por quem pretender chegar ao íntimo de uma certa personalidade (PONTE, 2007, p. 26).

Verificamos a disposição dos objetos que compõem o cenário do apartamento-museu, suas características, exclusivas do titular. Trata-se de intimidade da identidade de cada um da família, revelando-se nos pequenos detalhes, notados ainda na entrada da casa.

Um apartamento-museu nos leva a uma experimentação ímpar, que pode ser sentida, tendo em vista que a residência é o “local de nossas delícias e servidões, de nossos conflitos e sonhos; o centro, talvez provisório, de nossa vida” (PERROT, 2012, p. 7).

Portanto, é relevante a contribuição de Ponte (2007) para o processo de categorização mundial das casas-museu, aqui apartamento-museu, são as classificações regionais que se encontram em expansão. Assim, notamos a pesquisa de António Ponte (2007), a qual entende que as classificações elencadas pelo Comitê Internacional para os Museus de Casas Históricas (DEMHIST) não correspondem à realidade portuguesa, e cria a sua própria classificação para as casas-museus de Portugal. Fundamentado na análise das tipologias existentes em seu país, Ponte (2007, p. 127) institui quatro tipos de classificações de casas-museus:

Casa-Museu Original: Casas-Museu que se localizam no edifício onde residiu o personagem homenageado, por um período de tempo mais ou menos longo. Ela deve preservar o mais fielmente possível a estrutura da casa, assim como a exposição dos objetos de cunho pessoal; Casa-Museu Reconstituída: Instituições que podem ou não localizarem-se no edifício original de vivência do homenageado, desde que sejam reconstituídos os ambientes e a decoração original da época de vida dos habitantes; Casa-Estética / Coleção: Casas-Museu q que têm como objetivo homenagear um personagem através das coleções que o homenageado reuniu durante a sua vida. São localizadas nos espaços de vivência do homenageado, sendo que a tônica principal não é posta no conhecimento da personalidade do patrono, mas sim em suas coleções; Casa-Museu de Época “Period Rooms”: Instituições que se organizam nos espaços originais de vivência, ou recriam espaços íntimos do quotidiano do patrono, ou ainda recorrem às coleções ou acervo do homenageado, mesmo que sem referências pessoais específicas. A exposição é organizada com o objetivo de transmitir conhecimentos sobre tipos de decoração ou formas de vida em determinada época.

O reconhecimento da singularidade que compõe uma casa-museu sustenta a gestão e preservação, sendo o agrupamento destes locais um dado relevante para viabilizar estas ações.

Assim, a especificação de apartamento-museu abre um leque para debate entre pesquisadores e gestores, com o objetivo de compartilhar e fomentar métodos de resolução de pendências existentes nestas.

Ao observarmos o arquivo em foco, entendemos que as contribuições de Dcyi para a história da música remetem a uma visão, um olhar crítico, sempre atualizado, não apenas em relação à crítica musical, mas também no que diz respeito ao seu próprio modo de ver a vida.

Entretanto, pela vasta quantidade de documentos autobiográficos que estes arquivos possuem, eles também podem ser considerados como uma “produção do eu”.

Segundo Heymann (1997), sobre o processo de acumulação, é necessário que se desnaturalize a identificação entre o arquivo pessoal e a memória/trajetória individual desde os primórdios da acumulação, pois nem todos os momentos ou atividades a que o titular se dedicou mereceram igual investimento quanto à seleção e à guarda de seus registros.

Desse modo, o processo de acumulação e organização dos registros documentais presentes nos arquivos pessoais pode ter passado por diversos critérios que podem variar segundo avaliações táticas do tempo presente relativas a projetos significativos em algum período para o titular, ou de suas posições sociais ocupadas (HEYMANN, 1997).

Alguns estudos já realizados mostram como um arquivo pessoal pode demonstrar o interesse de seu titular em construir uma imagem conforme seus interesses.

Este é o caso do arquivo pessoal de DCyi. Neste arquivo, encontram-se documentos de autoria do próprio titular, referentes ao planejamento e à organização de seu cotidiano, além de diversos fragmentos de composições que foram produzidos simultaneamente à sua construção sendo considerada um projeto autobiográfico. “[...] a maneira como seu arquivo foi construído, revela uma tentativa de dar coerência e estruturar seu eu, sua imagem” (FRAIZ, 1994, p. 8).

Notamos que em seu acervo o compositor-poeta acumula telas inéditas, de grande valia, alguns primeiros traços de suas obras, cadernos, agendas, livros raros, a exemplo da primeira versão de Cancioneiros da Bahia, obra que tenta ser o primeiro registro da memória de DCyi, segundo entrevistado A, com relação ao registro de homenagens e títulos todos estão sob guarda da família, embora digitalizados no site do IACJ.

Os recortes de jornais, estão guardados por ordem cronológica, de acordo com os anos de sua publicação. Na composição dessa documentação verificamos matérias publicadas em jornais do Estado da Bahia e do Rio de Janeiro, muito significativo para DCyi.

Com relação a seu arquivo físico, embora não seja objeto deste estudo, o contato com esses documentos foi essencial, por nos apresentar quase um século de sua grande parte, de expressão artística, manifestada em pinturas, partituras e toda mobília e objetos pessoais, ora encontrados em sua “memória materializada” Duarte (2005).

Após essa viagem no mar de DCyi, destacamos o centenário de DCyi, um baiano que passou a vida celebrando a Bahia e o Brasil. DCyi conta a sua história, através das grandes canções, apesar de não ter uma discografia extensa, é o autor de algumas das maiores obras-

primas da música brasileira como: “Eu não tenho onde morar”, “Dora, Acalanto” e “O que é que a baiana tem?”, entre outras.

Em entrevista ao Expresso Lisboa (1990)... Caetano Veloso disse: escrevi 400 canções e Dorival Caymmi 70. “Mas ele tem 70 canções perfeitas e eu não.”

O compositor-poeta esperava que a canção se completasse por si mesma. Compôs 101 canções em mais de 70 anos de trabalho e suas composições consistem basicamente em contemplar a beleza do mundo.

Mostra-se ser um preguiçoso incorrigível, o orgulho dos registros de sua produção musical, nos leva a afirmar que há uma divisão entre o antes de DCyi e depois de DCyi na vida do nosso país, o que é mais gratificante, sem que ele fizesse esforço para isso. É salutar que assim seja, pois, muito a sociedade ganhou com essas fontes inestimáveis que são os registros pessoais de DCyi, todos eivados de uma imprescindível sinceridade.

4 BREVE ARREIMATE

Os arquivos de DCyi nos apresentam uma leitura de mundo feita por ele, todavia, suas canções e obras comprovam tudo que observamos em sua arte, são documentos produzidos junto a suas obras, complementando seu acervo, apresentando o entrelace com seu titular e revelando seu olhar do mundo exterior e do seu interior, sendo sua própria alma representada em seus pertences.

Após perceber de que forma o arquivo pessoal de DCyi cumpre sua função social, fica evidente que por certo, esta análise traz inúmeras implicações do tratamento arquivístico em arquivos pessoais e possibilita vários questionamentos quanto a possível elaboração de normas e procedimentos para o tratamento deste tipo de documento que auxiliem o arquivista.

No entanto, este ainda é um caminho a ser pensado e discutido pela área, analisando a real aplicabilidade de tal procedimento investigativo.

Entendemos que esse estudo possa permitir inquietações, possibilitando novas pesquisas, a fim de proporcionar novas descobertas, novas subjetividades, alterando a história dos sujeitos e proporcionando vivências autênticas de produção de si.

REFERÊNCIAS

ARTIÉRES, P. Arquivar a própria vida. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

ASSIS, A. A. *Um lampião dentro da mala: o arquivo pessoal de Octávio Leal Pacheco - memória e autobiografia*, 2009. Dissertação (Mestrado em letras) - Universidade Federal de São João del-Rei(UFSJ), São João Del-Rei, 2009. Disponível em: http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES/um_lampiao_dentro. Acesso em: 22 jun. 2014.

BRASHER, M.; CAFÉ, L. Organização da informação ou organização do conhecimento? In: *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), IX*, São Paulo: ANCIB, 2008.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. *Lei nº 8.159*, de 08 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Brasília: Imprensa Nacional, 1991.

BRASIL. Ministério da Justiça. Arquivo Nacional. Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ (2006). *Modelos de requisitos para sistemas informatizados de gestão de documentos: e-ARQ Brasil*. Rio de Janeiro: CONARQ. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/earqbrasilv1.pdf>. ISBN 978-85-60207-90-5. Acesso em : 20 dez. de 2014.

CALDERON, W. R. et al. O processo de gestão documental e da informação, arquivística no ambiente universitário. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 33, n.3, p.97-104, set./dez. 2004.

CAMARGO, C.R. *À margem do patrimônio cultural: estudo sobre a rede institucional de preservação do patrimônio histórico no Brasil (1838-1980)*. 1999. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, São Paulo, 1999.

CAMPELLO, B.S.; CAMPOS, C.M. *Fontes de informação especializada: características e utilização*. 2. ed. rev. Belo Horizonte: UFMG, 1993.

CANTANHEDE, C.; FONTANA, F. *Projeto memória das artes cênicas: um breve histórico de um acervo das artes cênicas e algumas considerações metodológicas*. Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371336800_ARQUIVO_Anpuh2013Carolrevisado.pdf. 2013

CAPURRO, R. *What is information science for?* ; a philosophical reflection. In: Vakkari, Perti, Cronin, Blaise. *Conceptions of library and information science*. Tempere, Taylor Graham, 1991. p. 82-93.

CARVALHO, B. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: Edunicamp, 2010.

CARVALHO, K. Disseminação da informação e informação de inteligência organizacional. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, jun. 2001. Disponível em: <http://www.brapci.ufpr.br/documento.php?dd0=0000001238&dd1=0cbce>. Acesso em : 15 jan. 2013.

CARVALHO, M.C.R.. Bibliotecas universitárias brasileiras e a implantação de repositórios institucionais. *Revista Informação e Universidade*, v. 1, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.siglinux.nce.ufrj.br/~gtbib/site/2009/06/implantacao-de-repositorios/>. Acesso em: 7 set. 2014.

CASTRO, C. M. *Estrutura e apresentação de publicações científicas*. São Paulo: (incompleta , McGraw-Hill do Brasil, 1980)

CAYMMI, D. *Cancioneiro da Bahia*. Ilustração de Clovis Graciano; Prefácio de Jorge Amado. São Paulo: Martins, 1947.

CAYMMI, Stella. Dorival Caymmi: o mar e o tempo. São Paulo: Editora 34, 2011.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. *Metodologia científica*. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CUNHA, O.M.G. *Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo*. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132004000200003&lng=en&nrm=iso &tlng=pt [51]. Acesso em: 12 jan. /2010.

DAHLBERG, I. *Knowledge organization: a new science?*. *Knowledge Organization*, v.33, n.4, p.11-19, 2006.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: una impresión freudiana*. Madrid: Editorial Trotta S.A., 1997. 105 p.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DUARTE, Z.; FARIAS, L. *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*. Salvador: ICI, 2005. 230 p. il.

DUARTE, Z.; FARIAS, L.; CARVALHO, G. Projeto pedagógico do curso de Arquivologia da Ufba: reestruturação curricular. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTEGRAR, 1. Anais... São Paulo: Febab; AASP, 2002.

DUARTE, Zeny. *O espólio incomensurável de Godofredo Filho: resgate da memória e estudo arquivístico*. Salvador: ICI, 2005. 230 p. il.

DUCHEIN, M. O papel da arquivologia na sociedade de hoje. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 30-36, set./dez. 1978.

DUCROT, A. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n 21, 1998.

EDMONDSON, R. *Memória do mundo: diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental*. Paris: UNESCO, 2002.

ESTEBAN NAVARRO, M. A.; GARCÍA MARCO, F. J. Las primeras jornadas sobre organización del conocimiento: organización del conocimiento e información científica. *Scire*, v.1, n.1, p.149-157, ene./jun. 1995.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. totalmente rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, R.S.. Da informação nossa de cada dia à Ciência da Informação: conceitos, história, teorias e questões recentes. *Palavra Chave (La Plata)*, v. 4, n. 1, p.1-19, 2014. Disponível em: <http://www.palavraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCv4n1a01>.

FERREIRA, S.M.S.P. Repositório Institucional em Comunicação: o projeto Reposcom implementado junto à Federação de Bibliotecas Digitais em Ciências da Comunicação. Encontros Bibli: *Revista Eletrônica Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. especial., 2007, p. 77- 94, 2007. Disponível em: < http://www.encontrosbibli.ufsc.br/bibesp/esp_06/bibesp_esp_06_pintoferreira_esp_20071.pdf >. Acesso em: 28 jun. 2008.

FLAMINO, A. N.; SANTOS, P. L.V. A.C. MARC21 e XML como ferramentas para consolidação da catalogação cooperativa automatizada: uma revisão de literatura. In:

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Revisão de Lígia Vassalo. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972. 260 p.

FOUCAULT, M. A. Escrita de Si. In: _____. *Ditos e escritos V – ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a, p.144-162.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História. *Procedimentos técnicos em arquivos privados*. Rio de Janeiro: /FGV, 1986. 101 p.

FURTADO, João Salvador. Informação e organização. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 27-33, 1982.

GAIO, R.; CARVALHO, R.B.; SIMÕES, R. Métodos e técnicas de pesquisa: a metodologia em questão. In: _____. (org.). *Metodologia de pesquisa e produção de conhecimento*. Petrópolis, Vozes, 2008.

GALDINO, S.B. Bico de Pena: *A escrita de Si de Nivalson Miranda*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Departamento de Biblioteconomia e Documentação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

GALLIANO, A. Guilherme. *O método científico: teoria e prática*. São Paulo: Harbra, 1986.

GARCIA MARCO, F.J. Avances en organización del conocimiento en España: los II encuentros sobre organización del conocimiento en los sistemas de información y documentación. In: GARCIA MARCO, F.J. (ed.) *Organización del conocimiento en sistemas de información y documentación*. Zaragoza : Librería General, 1997. v.1 p:7-12 (Actas del II ENCUESTRO DE ISKO-ESPAÑA, Getafe, 16-17 nov. 1995).

GOMES, H.F. Considerações sobre a construção e a comunicação do conhecimento científico. In: SOARES, G.R.; GOMES, H.F.. (Org.). *Apre(e)ndendo o social*. Salvador, 1999. p. 33-44.

GROGAN, D. *A prática do serviço de referência*. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 1995.

GÜNTHER, H. Como elaborar um questionário. In: PASQUALI, L. *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM, IBAPP, 1999. p.231-258.

HAGEN, A. M.M. Algumas considerações a partir do processo de padronização da descrição arquivística. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 27 n. 3, 1998.

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2006.

HEYMANN, L. Q. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 19, 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2041/1180>. Acesso em: 12 de jan. 2015.

HODGE, G. *Systems of Knowledge Organization for Digital Libraries: beyond traditional authorities files*. Washington, DC, the Council on Library and Information Resources. 2000.

HORTA, M.L. P. *A Museologia e o Museu-Casa*. Mesa Redonda. 1997. In: SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASA, I, Rio de Janeiro, I, ANO, Rio de Janeiro. *Anais Eletrônico...* Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2012. Disponível em: www.museucasarui Barbosa.gov.br. Acesso em: 09 set. 2012.

LE GOFF, J. História e Memória. Campinas, São Paulo, UNICAMP, 1994. Textos Completos: In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DA UFG/Jataí, II, 1994, São Paulo. *Anais...* São Paulo: UNICAMP, 1994.

LE GOFF, J. Memória. In: _____. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2003. p. 419-476.

LE GOFF, J. Memória. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984.

LIMA, J.L.O; ALVARES, L. Organização e representação da informação e do conhecimento: In: ALVARES, L.(org.). *Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações*. São Paulo: B4 Editores, 2012, p.21-48.

MAGALHÃES, A. *E triunfo? A questão dos bens culturais no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História 10. *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História*. São Paulo: PUC, 1993.

OLIVEIRA, L.M.V. Arquivos pessoais e documentos digitais: uma reflexão em torno de contradições. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.35-48, jan/jun. 2008.

PAES, M.L. *Arquivo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de; MEDEIROS, Karlene Roberto Braga; SANTANA, Sandra Valéria Félix. Sistema informatizado para registro de acervo: estudo da aplicação do Donato 3.2 nos Museus do município de Areia-PB. In: ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de... [et al.]. (Orgs.) *Representação da informação: um universo multifacetado*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. p. 179-206.

PERROT, M. Maneiras de Morar. In: _____. *História da Vida Privada. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra* 4. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso. 2012.

PONTE, A.M.T. *Casas-museu em Portugal: teorias e prática*. 2007. Dissertação (Mestrado em Museologia) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto. 2007.

RIBEIRO, R. J. Memórias de si, ou... *Revista de Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 35-42. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2068>. Acesso em: 14 nov. 2014.

RISÉRIO, A. *Caymmi: Uma utopia de lugar* São Paulo / Salvador, Perspectiva / COPENE, 1993. (Debates, v. 253).

RODRIGUES, A. M. L. Teoria dos arquivos e a gestão de documentos. *Perspectiva Ciência da informação*, Belo Horizonte, v.11, n. 1, p.102-117, jan./ abr.2006.

ROUSSEAU, J.Y.; COUTURE, C. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1998.

SÁ, I.P. *A face oculta da interface: serviços de informação arquivística na web centrados no usuário*. Rio de Janeiro, RJ: FIOCRUZ, 2005. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca - FIOCRUZ, 2005.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. *Metodologia de pesquisa*. 3. ed, São Paulo: McGraw Hill, 2006.

SANTOS, J.F. *Produção científica e tecnológica dos grupos de pesquisa do IFBA: processo de disseminação no âmbito da instituição*. Salvador: IFBA, 2014. 108 f.: il.

SEVERIANO, J. *Getúlio Vargas e a música popular*. Rio de Janeiro:FGV,2014.

SILVA, A. M. et al. *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. 3.ed. Porto : Edições Afrontamento. 2009.

SVENONIUS, E. *Intellectual foundation of Information Organization*. Cambridge: Mit Press, 2001

VENANCIO, G. M. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna*. 2003. 340 f. Tese (Doutorado em História Social) - Rio de Janeiro: UFRJ/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, 2003.